

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
29 de Novembro de 2022**

A VOSSA TERRA / 2016

Um filme de João Mário Grilo

Realização: João Mário Grilo / Argumento: João Mário Grilo e Inês Barreiros / Direcção de Fotografia: Acácio de Almeida / Som: Pedro Góis e Jorge Pacheco / Montagem: Luca Alverdi / Locução: João Mário Grilo / Com: Gonçalo Ribeiro Telles.

Produção: Cinemate e Costa do Castelo para a RTP / Produtor: Paulo Trancoso / Cópia digital, falada em Portugal / Duração: 59 minutos / Inédito em sala (exibido na RTP em Abril de 2016)

Com a presença de João Mário Grilo

A Vossa Terra vem na sequência, tornada explícita pelos títulos de ambos os filmes, de **A Vossa Casa**, um trabalho de João Mário Grilo estreado em 2012 sobre a obra do arquitecto Raul Lino. **A Vossa Terra** também é sobre um arquitecto, embora de outro tipo, um arquitecto paisagista, e provavelmente o mais notável que Portugal já teve, Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020), e de quem o filme, para além de tudo o mais, também se faz “memória” ou “arquivo”, ao entrevistá-lo e registar as suas observações expressamente para a **A Vossa Terra**.

O foco está sempre no pensamento e na acção de Ribeiro Telles, desde aquele preâmbulo com as imagens de arquivo das cheias de Lisboa em 1967, e de uma primeira aula, chamemos-lhe assim, do arquitecto, também vinda do arquivo, sobre a necessidade de se manter, também nas cidades (ou sobretudo nas cidades), uma relação harmoniosa com a natureza se se quer evitar “catástrofes futuras”. Mas, sendo um filme virado para Ribeiro Telles e, através dele, sempre virado “para fora”, para o mundo, é bastante interessante a maneira como João Mário Grilo, com um pudor confessional (ou com um confessionalismo púdico), consegue inscrever-se, a título pessoal, dentro do filme. Aquele intróito num parque da Figueira da Foz, terra natal do realizador, acompanhado pelas reflexões em “off” de Grilo, faz isso muito bem. Mas se é muito bem feito é porque não se esgota no memorialismo pessoal: contar a sua relação com uma obra de Ribeiro Telles é uma forma de mostrar que não vamos (não vai, o resto do filme) falar de “abstracções”, mas de coisas directamente ligadas, e directamente influenciadoras, do modo como crescemos e do modo como vivemos, nas “nossas terras”.

E esta viagem pela “vossa – nossa – terra”, visitando diversas paisagens criadas ou transformadas pela acção de Ribeiro Telles, é muito bela, pela maneira como sabe articular, sem nunca cair num didactismo de “divulgação”, o pensamento (a “teoria”) do arquitecto e o resultado prático desse pensamento (a “obra”), sem obliterar o trabalho que existe entre a “teoria” e a “obra”. Daí que o filme derive, incessantemente, entre as

palavras de Ribeiro Telles (a questão da “primeira natureza” e da “segunda natureza”, da preservação da natureza como prioridade, da “enformação” da natureza como tarefa seguinte), os seus esboços e os seus apontamentos, estudos e ensaios para jardins, parques, vales, sempre uma forma de harmonizar o encontro entre o homem e a natureza (vegetação, águas, acção do vento, etc), e planos, sucintos e serenos, de exemplos dessa “segunda natureza”, da natureza “enformada”, pelo trabalho de Ribeiro Telles.

Ao mesmo tempo, é bastante bela a forma como, mesmo nestes filmes que se parecem afastar do cinema, João Mário Grilo é capaz de sonhar e chamar para dentro deles um cinema que, porventura, não cabe neles. O derradeiro plano, ou a derradeira “paisagem” (o filme está dividido em blocos consagrados a “paisagens” diferentes), oferecidos a Dziga Vertov, são disso um exemplo comovente.

Luís Miguel Oliveira